

A psicologia no
Brasil:
Teoria e pesquisa

3

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2022

A psicologia no
Brasil:
Teoria e pesquisa

3

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora



Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 3

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 3 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0149-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.490222004>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa*, reúne neste terceiro volume dezesseis artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CONSTRUÇÃO DE UM DISPOSITIVO COMO PRÁTICA CLÍNICA DE TRANSFORMAÇÃO

Patricia Beretta Costa

Renata Zarenczansky

Shaienie Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220041>

CAPÍTULO 2..... 11

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DOS FILMES DE PRINCESAS DA DISNEY

Taiza dos Santos de Andrade

Amanda Caroline de Sousa Coelho

Eduardo Augusto Soares

Julia Rocha da Silva

Lehanna Aymberê Schinkel

Leticia Gabrielly Fernandes

Sara Zeschotko Silva

Luciana Elisabete Savaris

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220042>

CAPÍTULO 3..... 22

EXPERIÊNCIAS ADVERSAS NA INFÂNCIA: AS IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA INFANTIL DURANTE A VIDA ADULTA

Thais Cristina Gregório Contin

Daniel Massayuki Ikuma

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220043>

CAPÍTULO 4..... 36

PROJETO RECONTAR: UMA COLEÇÃO DE VIVÊNCIAS LGBTQIAP+ EM SERGIPE

Fernanda Rodrigues Messias

Gabriel Chagas Rodrigues

Tháisa de Oliveira Cristino

Marcela de Carvalho Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220044>

CAPÍTULO 5..... 48

UM ESTUDO SOBRE O AUTISMO E A HABILIDADE DE IMITAÇÃO

Cátia Michele dos Santos Martini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220045>

CAPÍTULO 6..... 52

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM MOVIMENTO ESTUDANTIL DE PÓS-GRADUAÇÃO:

A FORÇA DA INTERDISCIPLINARIDADE NA GESTÃO

Graziela de Fátima Souza Carmo

Fábio dos Passos Carvalho

Gabriela Cunha Corrêa Freitas de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220046>

CAPÍTULO 7..... 61

A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA NO DIAGNÓSTICO DA SÍNDROME DE DOWN

Luísa Camelo Bueno

Juliana Santos de Souza Hannum

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220047>

CAPÍTULO 8..... 69

DESAFIOS DO PSICÓLOGO (A) ESCOLAR NA PANDEMIA X VERSUS HABILIDADES SOCIAIS

Sueli de Oliveira Gonçalves

Tatiana Aparecida da Silva Moreira

Débora de Souza França Tito

Maria Aurora Dias Gaspar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220048>

CAPÍTULO 9..... 82

DESAFIOS IMPOSTOS PELA PANDEMIA: AFASTAMENTOS E AVALIAÇÃO DE ESTRESSE DE PROFESSORES DA REDE DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE ARAPUTANGA-MT

Lindinalva de Souza Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4902220049>

CAPÍTULO 10..... 102

HIGHER EDUCATION TEACHER'S EUSTRESS: COGNITIVE EVALUATION OF A SITUATION AS ENHANCER OF WELL-BEING

Susana Barros Fonseca

Filomena Jordão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200410>

CAPÍTULO 11..... 108

PSICOLOGIA E REDES SOCIAIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Maurício Pimentel Homem de Bittencourt

Patricia da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200411>

CAPÍTULO 12..... 129

OS RISCOS DAS CRIANÇAS NO MANEJO DE REDES SOCIAIS E JOGOS ELETRÔNICOS: CONTROLE PARENTAL POR MEIO DO APLICATIVO QUSTODIO

Fabrizia Miranda de Alvarenga Dias

Liliane Barreto

Daniele Fernandes Rodrigues

Luanna Alvarenga Dias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200412>

CAPÍTULO 13..... 139

O USO DOS JOGOS NO DESENVOLVIMENTO DA INTERAÇÃO DE ALUNOS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)

Kaliane Oliveira Silva

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200413>

CAPÍTULO 14..... 152

QUEREMOS QUE A GENTE FALE E ELE OBEDEÇA”: DIFICULDADES NO ESTABELECIMENTO DE LIMITES

Ana Caroline Dias da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200414>

CAPÍTULO 15..... 163

O IMPACTO DA EQUITAÇÃO TERAPÊUTICA NA CRIANÇA COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

Filipa Mendes

Maria Celeste de Sousa Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200415>

CAPÍTULO 16..... 173

LA EQUINOTERAPIA COMO ALTERNATIVA TERAPÉUTICA PARA LA ATENCIÓN DE NIÑOS CON PARÁLISIS CEREBRAL

Ana Laura España Montoya

Karla Daniela Rodríguez Díaz

Alma Delia Guzmán Díaz

Cristina Salcido Rodríguez

Elizabeth López Saucedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.49022200416>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 185

ÍNDICE REMISSIVO 186

"QUEREMOS QUE A GENTE FALE E ELE OBEDEÇA": DIFICULDADES NO ESTABELECIMENTO DE LIMITES

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 23/01/2022

Ana Caroline Dias da Silva

Mestre pelo Programa de Processos
Psicossociais da Saúde e da Educação da
Universidade Federal de Uberlândia
Araguari
ORCID: 0000-0001-6070-6265

RESUMO: A contemporaneidade é marcada por inúmeras discussões entre profissionais da educação e da área do desenvolvimento infantil no que concerne ao estabelecimento de limites. Pais e professores vêm encontrando dificuldades em estabelecer limites para os filhos e os alunos de modo adequado. O presente estudo objetivou analisar a percepção dos pais de crianças de 3 a 6 anos acerca da construção de limites, bem como as estratégias utilizadas para educar as crianças. Para tanto, foram entrevistados 5 mães, 3 pais e 1 padrasto, maiores de 18 anos e que tinham filhos considerados pelos professores como agitados, impulsivos e sem limites. As entrevistas foram realizadas em duas escolas públicas da rede municipal de uma cidade do Estado de Minas Gerais. Os achados do presente estudo salientaram as dificuldades dos pais em estabelecer limites para os filhos, sendo que na tentativa de educá-los, os progenitores usaram estratégias como palmadas e chineladas, bem como retirar algo que as crianças gostam ou sentar em um canto para pensar em suas ações, excluindo a possibilidade de diálogo e de

dar voz aos pequenos para se expressarem e compreenderem as regras impostas socialmente. Percebeu-se que as explicações sobre os motivos dos castigos foram estratégias pouco citadas. Ressalta-se ainda que os pais utilizam a tecnologia, em seus cotidianos, para silenciar ou entreter as crianças e que os momentos de brincadeiras em família são pouco frequentes, períodos tão importantes para a construção e o fortalecimento de laços emocionais entre progenitores e filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Limites, crianças, estratégias.

"WE WANT TO SPEAK AND HE TO OBEY": THE ESTABLISHMENT OF LIMITS

ABSTRACT: Contemporaneity is marked by numerous discussions between education and child development professionals regarding the establishment of limits. Parents and teachers are finding it difficult to properly set limits for their children and students. The present study aimed to analyze the perception of parents of children aged 3 to 6 years about the construction of limits, as well as the strategies used to educate children. For that, 5 mothers, 3 fathers and 1 stepfather were interviewed, over 18 years old and who had children considered by the teachers as agitated, impulsive and without limits. The interviews were carried out in two public schools in the municipal network of a city in the State of Minas Gerais. The findings of the present study highlighted the difficulties of parents in setting limits for their children, and in an attempt to educate them, parents used strategies such as spanking and flipping, as well as removing something that

children like or sitting in a corner to think. in their actions, excluding the possibility of dialogue and giving voice to the little ones to express themselves and understand the rules imposed socially. It was noticed that the explanations about the reasons for the punishments were little mentioned strategies. It is also noteworthy that parents use technology, in their daily lives, to silence or entertain children and that moments of family play are infrequent, periods that are so important for the construction and strengthening of emotional bonds between parents and children.

KEYWORDS: Limits, children, strategies.

1 | INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada por inúmeras discussões entre profissionais da educação e da área do desenvolvimento infantil no que concerne ao estabelecimento de limites. Pais e professores vêm encontrando dificuldades em estabelecer limites para os filhos e os alunos de modo adequado (PEDROSO E MARTINS, 2008; ARAUJO E SPERB, 2009; PATIAS, SIQUEIRA E DIAS, 2012).

Geralmente, “limite” é uma terminologia relacionada à obediência, ao respeito, à retidão moral e à cidadania. No que tange ao campo educacional, o limite é utilizado para permitir ou proibir algo em favor da moralidade (LA TAILLE, 1999). Segundo LA TAILLE (2001), um ato moral associa-se à consideração dos direitos, das necessidades e das singularidades dos outros e de si próprio e ao respeito ao bem comum.

Construir limites diz respeito, então, à capacidade da criança de socialização, de modo que a mesma possa reconhecer os seus próprios limites e os dos demais (TAILLE, 2001). É fazer a criança entender que seus direitos terminam onde os direitos dos outros iniciam. É dizer “sim” sempre que possível e “não” sempre que necessário. É ensinar a tolerância às frustrações no presente, para que, futuramente, os problemas vitais possam ser transcendidos com equilíbrio e maturidade (ZAGURY, 2003).

É por meio da relação parental que a princípio, se estabelece a noção de limites, de empatia e o respeito às autoridades (PAGGI E GUARESCHI, 2004). A família é a principal instituição social da criança, onde se repassa os valores e as normas sociais às gerações mais novas (BEM E WAGNER, 2006; PATIAS, SIQUEIRA E DIAS, 2012). Segundo WAGNER, PREDEBON, FALCKE (2005), pais e professores demonstram muitas dúvidas e dificuldades em estabelecer limites e delimitar seus papéis e ações.

A maioria dos pais pensa, erroneamente, que dar limites é bater nas crianças ou gritar com estas, a fim de que se comportem; é ser autoritário; é não esclarecer o “porque” das coisas, apenas impondo “a lei do mais forte”; é invadir a privacidade dos filhos. Entretanto, a falta de limites na infância pode ocasionar conseqüências drásticas quando as crianças tornam-se adultos, como por exemplo: descontrole emocional, histeria, ataques de raiva; dificuldade crescente de aceitação de limites; distúrbios de conduta, desrespeito aos pais, colegas e autoridades; desconcentração, dificuldade na conclusão de tarefas,

excitabilidade, baixo rendimento; agressões físicas, se aborrecido; problemas de conduta, aparecimento de transtornos psiquiátricos, se houver predisposição (ZAGURY, 2003).

De acordo com ZAGURY (2003), a criança que não internaliza limites cresce com uma deformação na percepção do outro, uma vez que apenas ela importa. ARIANE e TEIXEIRA (2006) apontam que os pais, por se sentirem culpados em trabalhar o dia todo e não ficarem com os filhos em tempo integral, acabam fazendo as vontades dos pequenos, tirando-os do castigo e, portanto, não estabelecem limites.

O estudo de PEDROSO e MARTINS (2008) mostra que os pais, por estarem preocupados de maneira excessiva em superproteger os filhos, mostram dificuldades em estabelecer limites, embora compreendam a necessidade de normas que regulem seus comportamentos, suas atitudes ou impulsos e que favoreçam o convívio social. Ademais, a ausência de limites pode ocasionar baixo desempenho escolar e a ação conjunta e efetiva entre progenitores e professores, no estabelecimento de limites, resulta em aprendizagem satisfatória.

ARAUJO E SPERB (2009) investigam as representações sociais de mães e professoras sobre limites no desenvolvimento infantil. Os resultados indicaram que os limites são representados como fronteiras a serem acatadas em favor da moralidade. A prática do diálogo é algo presente nas narrativas de mães e professoras, bem como a necessidade de tolerância. Ambas evidenciam inúmeras dúvidas e culpas no que tange aos limites a serem impostos às crianças. As professoras designam a responsabilidade da falta de limites às famílias, enquanto as mães não vêem a escola como uma parceira no processo de construção de limites.

Face ao exposto, o presente estudo objetiva analisar a percepção dos pais de crianças de 3 a 6 anos acerca da construção de limites, bem como as estratégias utilizadas na educação das crianças.

2 | METODOLOGIA

A presente pesquisa desenvolveu-se a partir da perspectiva qualitativa e sob a forma de estudo descritivo em que o interesse do pesquisador é apreender o sentido dos fenômenos investigados, de acordo com a visão dos participantes.

Para tanto, foram entrevistados 5 mães, 3 pais e 1 padrasto, maiores de 18 anos e que tinham filhos com idades entre 3 e 6 anos, considerados pelos professores como agitados, impulsivos e sem limites. As entrevistas foram realizadas em duas escolas públicas da rede municipal de uma cidade do Estado de Minas Gerais. O número de entrevistas foi definido ao decorrer da coleta, utilizando-se o critério de saturação por amostragem (FONTANELLA, RICAS & TURATO, 2008), isto é, a partir do momento em que novos elementos deixaram de surgir nas entrevistas, faz-se mais uma entrevista e, ao se averiguar a repetição das temáticas, a coleta é concluída. De acordo com TURATO (2005),

a amostragem é intencional em pesquisas qualitativas, ou seja, buscam-se participantes com vivências prévias em relação ao tema de investigação e o número da amostragem não é alto, uma vez que não se objetiva a representatividade da população pela randomização dos sujeitos.

Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, composto por quatro partes: (a) *caracterização* da participante (idade, idade dos filhos, se tinha companheiro); (b) *comportamento dos pais quanto à educação dos filhos e imposição de limites* (como os pais impõem limites, qual a reação da criança); (c) *brincar* (brincadeiras preferidas da criança e se os pais brincam com os filhos); (d) *aspectos relacionados à hiperatividade, impulsividade e desatenção* (se os pais consideram os filhos hiperativos, impulsivos e/ou desatentos). No presente artigo, os aspectos relacionados à hiperatividade, impulsividade e desatenção não foram analisados, uma vez que não condiz com o foco do estudo, *porém* foram investigados na entrevista por se relacionar a um projeto de pesquisa de maior amplitude.

Com relação aos cuidados éticos, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos da universidade à qual as pesquisadoras estão vinculadas (Parecer 1990.240). Posteriormente, entrou-se em contato com uma rede de creches do sistema público municipal, que atende crianças cuja idade varia de 6 meses a 6 anos. Os pais das crianças consideradas agitadas, impulsivas e desatentas pelos professores, foram convidados a participar deste estudo. Os participantes foram informados sobre sua livre participação no estudo e sobre a possibilidade de interromper a participação a qualquer momento e tiveram a preservação de identidade garantida. Foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de cada entrevista, que foi realizada na escola das crianças, em dias e horários previamente agendados. Posteriormente à realização das entrevistas, o material foi transcrito na íntegra, e, objetivando a preservação do sigilo quanto à identidade das participantes, no momento da apresentação dos resultados, utilizaram-se as letras iniciais dos nomes dos filhos dos participantes. Vale ressaltar que todas as entrevistas foram feitas em uma única sessão, com duração média de 30 minutos. O período da coleta de dados foi de janeiro de 2017 a outubro de 2017.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A idade dos entrevistados variou de 20 a 53 anos, sendo que apenas uma mãe não residia com o companheiro. Em relação à escolaridade, houve predominância de ensino médio completo (F=6), seguido por ensino fundamental incompleto (F=2) e completo (F=1). A faixa etária dos filhos dos participantes variou de 3 a 6 anos.

3.1 “Ele não tem limite”: dificuldades na construção

Como apontado nas falas abaixo, os pais afirmaram que as crianças estão

indisciplinadas, que não possuem limite, que não respeitam regras, nem aceitam quando são corrigidas.

“O limite é uma coisa que ele [filho] não tem. Não vou mentir, é meu filho, mas não tem” (Pai da criança G).

“Ele [filho] vai ficando muito nervoso, ele não aceita mesmo [corrigir quando necessário]. Eu estou tendo dificuldade com ele com isso também, além da agitação, da falta de limite. Ele não está respeitando regras. Ele está mal educado mesmo” (Mãe da criança H.).

“Ele [filho] está muito desobediente, muito respondão. Não sei o que fazer” (Pai da criança DI.).

FRANÇA & YAEHASHI (2005) apontam que os pais sentem-se fracos e incapazes de impor limites para que os filhos não se frustrem, reforçando certos comportamentos agressivos advindos dos mesmos. AQUINO (1998) complementa que as crianças da sociedade contemporânea não possuem limites, além de não reconhecerem a autoridade, nem respeitarem regras.

FREITAS (2016) associa a indisciplina infantil aos lares desestruturados, em que os pais não se respeitam e, conseqüentemente, os filhos reproduzem o que presenciam em casa no ambiente escolar. SOUZA e OUFFELA (2013) reforçam a necessidade de dar responsabilidades e deveres aos meninos e meninas, além de impor limites.

3.2 Divergências entre os pais na forma de educar

Os pais demonstraram desautorizar um ao outro na frente das crianças, ao educá-las, como mostram os seguintes relatos:

“Eu não cedo muito não, mas ele [pai da criança] cede. Eu sou mais enérgica com ele [o filho], falo mais ‘não’, não deixo ele [o filho] fazer o que quer” (Mãe da criança G.).

“Ele [a criança] pede uma coisa e eu falo ‘não’, aí, ele vai lá e a mãe dele acaba deixando. Foi até ontem, eu até danei com você [se direciona para a esposa], falei pra você não deixar ele, aí, você foi lá e deixou, tirou minha autoridade” (Padrasto da criança DE.).

De acordo com SÁ (2016), os pais precisam estar em consonância em relação àquilo que exigem dos filhos para não confundirem os mesmos. O autor complementa a necessidade de não desautorizar um ao outro diante das crianças. Já THOMPSON e LAIBLE (1999) e ZAGURY (2003) apontam que os progenitores devem estar seguros daquilo que fazem e que ajam de maneira coerente com suas ações e promessas feitas aos pequenos.

3.3 Recursos para a construção de limites

3.3.1 Diálogo

Os pais afirmaram que usam de recursos como o diálogo ou explicações para que

os filhos possam atender e entender os limites, como se pode observar nas falas a seguir:

“Eu já lido mais com conversa, tipo assim ‘Não faz isso, não faz aquilo’. Eu não sou enérgico ao ponto de castigar não” (Pai da criança G.).

“Tento chegar nele [filho], ensinar para ele, falar ‘olha, está errado. Tem que fazer assim, assim, assim’. Ele para e tenta fazer do jeito que você está falando. Ele é de boa” (Pai da criança M.).

OLIVEIRA & CALDANA (2004) valorizam práticas educativas que envolvam o diálogo, a autonomia e a expressão infantil. GROPPA (2003) complementa que o estabelecimento de regras e a convivência com estas são essenciais para o desenvolvimento de adultos equilibrados e emocionalmente seguros, sendo extremamente necessário esclarecer o porquê da punição imposta à criança.

ANTONI e KOLLER (2000), ao realizarem um estudo acerca de indicadores que protegem contra a violência de acordo com a percepção de adolescentes maltratadas, detectaram que a união familiar, a sensação de pertencimento ao grupo, o suporte familiar, bem como o diálogo e o uso da orientação e da educação, em detrimento às práticas educativas punitivas, são fatores que permitem o fortalecimento emocional dos indivíduos pertencentes ao sistema familiar. ARAUJO E SPERB (2009) afirmam que a prática do diálogo é algo presente nas narrativas de mães, bem como a necessidade de tolerância. No entanto, as mesmas demonstram diversas dúvidas e culpas no que tange aos limites a serem impostos às crianças.

3.3.2 Castigos

De acordo com o relato dos pais, as formas de punições mais citadas foram os castigos, como sentar em um canto para pensar em suas ações ou retirar algo que as crianças gostam.

“Eu falo: ‘Você vai ficar uma semana [de castigo], mas aí depois, eu me arrependo, uma semana é muito tempo, muita coisa, é tirar tudo de uma criança durante uma semana. Aí, a gente não aguenta dentro de casa, porque ele tem que estar fazendo alguma coisa que ele goste” (Mãe da criança DE.).

“Em alguns momentos, a gente coloca ele de castigo. Dois, três minutinhos sentadinho para ele poder pensar [...]” (Mãe da criança DI.).

ARAUJO E SPERB (2009) ressaltam a importância de a criança entender o significado do castigo. REGO (1996) complementa que os pais autoritários e rígidos transmitem regras sem se importar em explicá-las à criança. Já os pais permissivos podem estimar o diálogo, no entanto, não instituem os limites que são necessários. Em contrapartida, os pais democráticos conseguem equilibrar a demanda de controle e de condução das ações infantis, por meio da comunicação e do afeto, o que viabiliza compreender a percepção dos filhos e o estabelecimento de regras e limites.

3.3.3 *Palmas ou chineladas*

Como demonstrado nas falas descritas abaixo, alguns pais utilizam as palmas e as chineladas para colocar limite nos filhos.

“[...] eu dou uma chinelada nele. Não dou conta não” (Mãe da criança G.).

“Eu evito bater, mas não vou mentir pra você não. De vez em quando tem que dar uns tapas. [...]. Mas, eu evito ao máximo. Antigamente, eu assustava ele com o cinto. Não batia não, mas eu falava “olha o cinto”. Hoje você mostra e ele não está nem aí (mãe do J.).

ARAUJO E SPERB (2009) alegam que palmas não corrige, além de não favorecer positivamente a criação de valores morais e a formação da consciência da criança. A pesquisa de PATIAS, SIQUEIRA e DIAS (2012) compreende que as estratégias coercitivas que usam a força física para educar estão associadas aos resultados negativos no desenvolvimento humano da criança e do jovem, como comportamentos agressivos e distúrbios de autoestima, inviabilizando o desenvolvimento saudável. No entanto, essas práticas são compartilhadas socialmente e naturalizadas pelas famílias, não havendo, geralmente, o conhecimento de outras maneiras de educar.

3.3.4 *Autoridade: troca de papéis*

Identificou-se nessa pesquisa que alguns pais possuem dificuldades em reforçar quem é a autoridade na relação. Nota-se a tendência de trocas de papéis, ou seja, o filho tornar-se o pai e este transformar-se em filho, como demonstrado nos relatos a seguir:

“Eu estou sentindo uma dificuldade muito grande em conversar com ele. Eu vou conversar ‘G., assim, assim, assim’ e ele já vem com um tom mais alto conversando comigo, sabe? Tem hora que grita” (Pai da criança G.).

“Ele quer me enfrentar, ele quer ser autoritário, quer ser mais do que eu” (Mãe da criança J.).

“Queremos que a gente fale e ele obedeça” (Pai da criança G.).

“[...] eu estou chamando atenção dele, estou corrigindo, ele quer falar junto comigo. Ele não espera eu falar. Ele vai falando, falando: ‘Mãe, me ouve, deixa eu falar primeiro!’. Falando alto, vai ficando nervoso” (Mãe da criança H.).

SOUZA e OUFFELA (2013) assinalaram que em diversas famílias, as crianças possuem mais autoridade sobre os pais do que estes sobre elas. Como consequência da queda de autoridade dos progenitores tem-se a prevalência de permissividade na relação pais-filhos e a dificuldade de se impor limites (PAGGI & GUARESCHI, 2004).

LA TAILLE (2001) reforça a necessidade de os progenitores se imporem perante as crianças, além de exercerem suas autoridades e determinarem regras. De acordo com PIAGET (1977), nessa idade, meninos e meninas precisam de referências externas, a fim de construírem regras e normas de conduta sociais.

3.4 Recursos tecnológicos: silenciando as crianças

Os pais demonstraram usar recursos tecnológicos para que as crianças fiquem mais calmas e silenciosas ou silenciadas:

“A gente até comprou um *tablet* pra ele brincar mais. Porque, às vezes, a gente vai em um lugar, em um restaurante, a gente não consegue conversar sossegado” (Mãe da criança G.).

“[...] chega em casa, às vezes eu estou mais... Deixo um pouco a desejar, porque eu estou mais cansada. [...]. Ele chega e vai ver um desenho [...]” (Mãe da criança H.).

BROWN e SMOLENAERS (2016); LAURICELLA, WARTELLA, RIDEOUT (2015); PADILLA-WALKER, COYNE, FRASER (2012) assinalam que os pais associam o uso da tecnologia às maiores probabilidades de aprendizagem para a criança, além de promover momentos de conexão, se usada como uma atividade compartilhada entre os membros da família. Os autores salientam que, à medida que os pais vivenciam aspectos positivos relacionados ao uso da tecnologia, eles tendem a incentivar os filhos a manusear celulares, computadores e tablets. No entanto, percebe-se uma dificuldade mais intensa no estabelecimento de limites e regras quanto ao uso desses aparelhos. Ademais, o excesso de tecnologia pode colaborar para maior isolamento, bem como deficiência de comunicação e afeto nas famílias. Outras pesquisas mostram que a tecnologia tem sido utilizada, pelos progenitores, para acalmar, distrair ou proporcionar entretenimento para os filhos (KUCIRKOVA; ZUCKERMAN, 2017; RADESK et al., 2016).

3.5 Um momento pais e filhos: brincadeiras

Os pais relataram ser rara a atitude de brincar com os filhos em casa, como mostram os seguintes discursos:

“Assim, às vezes, quando eu estou com um tempinho, eu brinco, mas é difícil” (Pai da criança G.).

“Domingo eu já falei pra ele, que a gente tem que tirar o domingo pra ele” (Mãe da criança G.).

“Às vezes, a gente brinca junto” (Mãe da criança J.).

“Toda semana, eu saio com ele pra brincar de bicicleta, na minha casa mesmo também tem, tem uma parte que dá, um espaço que dá pra andar de bicicleta, montar piscina nos finais de semana. Aí, tiro um tempinho pra ficar com ele, mas está sempre muito com a gente e as outras brincadeiras é mais a irmã e o irmão dele” (Pai de D1.).

POLETTO (2005) e POLETTO, KOLLER (2002) corroboraram os achados desse estudo, uma vez que se observa o pouco tempo disponibilizado, pelos progenitores, para brincarem com os filhos, sugerindo certa escassez de trocas afetivas entre pais e filhos. Segundo WINNICOTT (1982), as crianças sentem prazer em todas as experiências que envolvem brincadeiras físicas e emocionais. LEONTIEV (1988) complementam que o

brincar é a atividade principal da criança, sendo considerado algo essencial em todos os momentos de vida e, para os pré-escolares, fundamental para a elaboração de sentidos e a construção de seu universo. Cabe aos pais incentivar as crianças a brincarem, uma vez que por meio das brincadeiras, elas têm acesso às regras, possuem possibilidade de estabelecer combinados, aprendem a se posicionar, a arriscar e a compreender a importância de compartilhar seus brinquedos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados do presente estudo demonstraram as dificuldades dos pais em estabelecer limites para os filhos e que, muitas vezes, certos comportamentos agressivos destes podem ter sido reforçados pelas condutas dos progenitores, que na tentativa de educar as crianças, usaram estratégias como palmadas e chineladas para corrigi-las, excluindo a possibilidade de diálogo e de dar voz aos pequenos para se expressarem e compreenderem aquilo que é certo e errado dentro da sociedade e cultura que pertencem.

As formas de punições mais citadas foram os castigos, tais como: retirar algo que as crianças gostam ou sentar em um canto para pensar em suas ações. Percebeu-se que o diálogo entre pais e filhos e as explicações sobre os motivos dos castigos foram estratégias pouco citadas pelos progenitores. Ressalta-se ainda que os pais utilizam a tecnologia, em seus cotidianos, para silenciar ou entreter as crianças e que os momentos de brincadeiras em família são pouco frequentes, períodos tão importantes para a construção e o fortalecimento de laços emocionais entre progenitores e filhos.

REFERÊNCIAS

ANTONI, C. & KOLLER, S. H. A visão de família entre adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 347- 382, 2000.

ARAÚJO, G. B. & SPERB, T. M. Crianças e a construção de limites: narrativas de mães e professoras. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 1, p. 185-194, 2009.

ARIANE, D. & TEIXEIRA, A. L. A importância do senso de limites para o desenvolvimento da criança. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, v. 7, 2006.

AQUINO, J. C. A Indisciplina e a Escola Atual. **Rev. Fac. Educ**, v. 24, n. 2., 1998.

BEM, L., & WAGNER, A. Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 1, p. 63-71, 2006.

BROWN, A.; SMOLENAERS, E. Parent's interpretations of screen time recommendations for children younger than 2 years. **Journal of Family Issues**, v. 39, n. 2, p. 406-429, 2016.

FONTANELLA, B. J. B., RICAS, J., & TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: Contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008. doi:10.1590/S0102-311X2008000100003.

FRANÇA, S. L. & YAEGASHI, S. F. R. A agressividade na infância: um estudo sobre suas causas e conseqüências. **Iniciação Científica CESUMAR**, v. 7, n. 1, p. 11 – 18, 2005.

FREITAS, E. **Indisciplina**, 2016. Disponível em: <http://educador.brasilecola.uol.com.br/sugestoes-pais-professores/indisciplina-escolar.htm>.

GROPPIA, A. **Indisciplina na escola**. 9. ed. São Paulo: Summus, 2003.

KUCIRKOVA, N.; ZUCKERMAN, B. A guiding framework for considering touchscreen in children under two. **International Journal of Child-Computer Interaction**, v. 12, p. 9-46, 2017.

LA TAILLE, Y. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 1999.

LA TAILLE, Y. Desenvolvimento moral: a polidez segundo as crianças. **Cadernos de Pesquisa**, v. 114, p. 89-119, 2001.

LAURICELLA, A. R.; WARTELLA, E. A.; RIDEOUT, V. J. Young children's screen time: the complex role of parent and child factors. **Journal of Applied Developmental Psychology**, 36, 11–17, 2015.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In L. S. Vigostkii, A. R. Luria, A. N. Leontiev. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem** (p. 59-84). São Paulo, 1988.

OLIVEIRA, T. T., & CALDANA, R. H. Mães psicólogas ou psicólogas mães: vicissitudes na educação dos filhos. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 585-593, 2004.

PAGGI, K., & GUARESCHI, P. **O desafio dos limites: um enfoque psicossocial na educação dos filhos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PADILLA-WALKER, L. M.; COYNE, S. M.; FRASER, A. M. Getting a highspeed family connection: associations between family media use and family connection. **Family Relations**, v. 61, n. 2, p. 426–440, 2012.

PATIAS, N. D., SIQUEIRA, A. C., DIAS, A. C. G. Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. **Educ. Pesqui.**, v. 38, n. 4, 2012.

PEDROSO, J. I. & MARTINS, C. D. A importância dos limites no desenvolvimento de crianças com necessidades especiais. **Educação Especial**, v. 31, p. 105-116, 2008.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Original publicado em 1932), 1977.

POLLETO, R. C. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. **Rev. Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, p. 67-75, 2005.

POLETO, R., KOLLER, S. A rede de apoio social e afetivo em crianças em situação de pobreza. **Psico**, v. 33, n. 1, p. 151-175, 2002.

RADESKY, J. S. et al. Parent perspectives on their mobile technology use: the excitement and exhaustion of parenting while connected. **Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics**, v. 37, n. 9, p. 694-701, 2016.

REGO, T. C. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: Groppa, Júlio et al. **Indisciplina na escola**. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

Sá, E. **Querida Mãe**. Lua de Papel: Portugal, 2016.

SILVA, A. C. P. da, LUZIO, C. A., SANTOS, K. Y. P. dos, YASUI, S., & DIONÍSIO, G. H. A explosão do consumo de Ritalina. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 11, n. 2, p. 44-57, 2012. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127245>.

SOUZA, M. F. de, & OUFELLA, J. M. Limite e disciplina na educação: fatores fundamentais para formação e organização das estruturas familiares, escolas e sociais: uma visão jurídica. **Extensão Em Foco (ISSN: 2317-9791)**, v.1, n. 1, p. 50-63, 2013.

THOMPSON, R. S., & LAIBLE, D. J. Noncustodial Parents. Em M. Lamb (Org.), **Parenting and child development in “nontradicional” families** (p. 103-123). New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1999.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: Definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública** v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005. doi:10.1590/S0034-8910200500030002.

WAGNER, A. PREDEBON, J. & FALCKE, D. Transgeracionalidade e educação: como se perpetua a família? Em A. Wagner (Org.), **Como se perpetua a família?** (p. 93-106). Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

WINNICOTT, D. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan S. A, 1982.

ZAGURY, T. **Limites sem trauma** (57 ed.). Rio de Janeiro: Record, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso infantil 22, 23, 25

Ansiedade 183

Aprendizagem 49, 50, 51, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 79, 83, 86, 87, 95, 101, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 150, 154, 159, 161, 165, 166, 171

Audiovisual 36, 38, 42, 43, 44

Autismo 48, 49, 50, 51, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 150, 151, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 172

B

Bem-estar 18, 23, 24, 30, 31, 88, 95, 102, 143, 165

Benefícios 129, 163, 165, 166, 168, 170, 171, 172, 173

Brincadeira 139, 147, 148, 149, 151

C

Carência 61

Ciências da comunicação 108, 119, 125

Conto de fadas 11, 19

Controle Parental 129, 130, 133, 137

Crianças 17, 22, 23, 24, 25, 28, 31, 32, 33, 49, 50, 51, 65, 66, 67, 68, 73, 78, 79, 94, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 170, 171, 172, 173

D

Depresión 27, 35

Diagnóstico 40, 49, 51, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 91, 138, 140, 142, 143, 150, 166, 168, 169, 171, 175, 184

E

Educação 20, 47, 49, 53, 54, 55, 57, 59, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 109, 114, 115, 116, 117, 120, 124, 126, 127, 128, 129, 140, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 161, 162, 164, 166, 170, 171, 172, 185

Equitação terapêutica 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Equoterapia 172, 173

Estratégias 6, 31, 51, 115, 123, 152, 154, 158, 160, 164, 171

Estresse 23, 27, 28, 29, 31, 32, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 98

G

Gestão democrática 52

H

Habilidades sociais 50, 69, 70, 71, 76, 77, 78, 79, 80, 144, 146

História Psicologia Brasil 70

I

Impacto 24, 26, 27, 29, 33, 34, 48, 52, 59, 61, 63, 64, 65, 66, 78, 82, 84, 85, 89, 100, 163, 172, 177

Interdisciplinar 46, 52, 57, 58, 123, 124

Internet 43, 44, 46, 95, 108, 109, 115, 124, 125, 127, 128, 130, 131, 132, 138

J

Jogos 31, 129, 130, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

Jovens 96, 114, 115, 116, 123, 126, 128, 129, 131, 132, 136, 137

L

LGBTQIAP+, 36, 37, 45

Limites 28, 46, 71, 77, 87, 94, 112, 147, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 174

Lúdico 50, 139, 147, 148, 149

Lutas sociais 40, 52

M

Mulher 7, 9, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 27, 29, 44, 45

P

Paciente 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183

Pandemia 46, 52, 56, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101

Paralisia cerebral 173

Parentalidade 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 26, 27, 28, 32, 160

Perturbação do espectro do autismo 163, 164, 165, 167

Política social 53

Professores 71, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 107, 140, 144, 146, 147, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 161, 172

Profissional de Psicologia 61, 62

Psicanálise 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 78, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 125, 126, 127, 185

Psicologia 1, 2, 8, 9, 10, 35, 36, 40, 47, 51, 52, 57, 61, 62, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 96, 100, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 160, 161, 162, 165, 167, 172, 185

Psicologia social 108, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124

Psicólogo escolar 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 81

Psicoterapia 28, 34, 114, 117, 118, 124, 173, 174, 176, 177, 183

Q

Quostodio 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138

R

Redes sociais 43, 45, 75, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 137

representação estudantil 52, 56

Representação social 11, 12, 18, 43, 127

Representatividade 21, 36, 40, 42, 43, 45, 155

S

Síndrome de Burnout 82, 83, 87, 88, 90, 92, 97, 100

V

Vida adulta 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 78

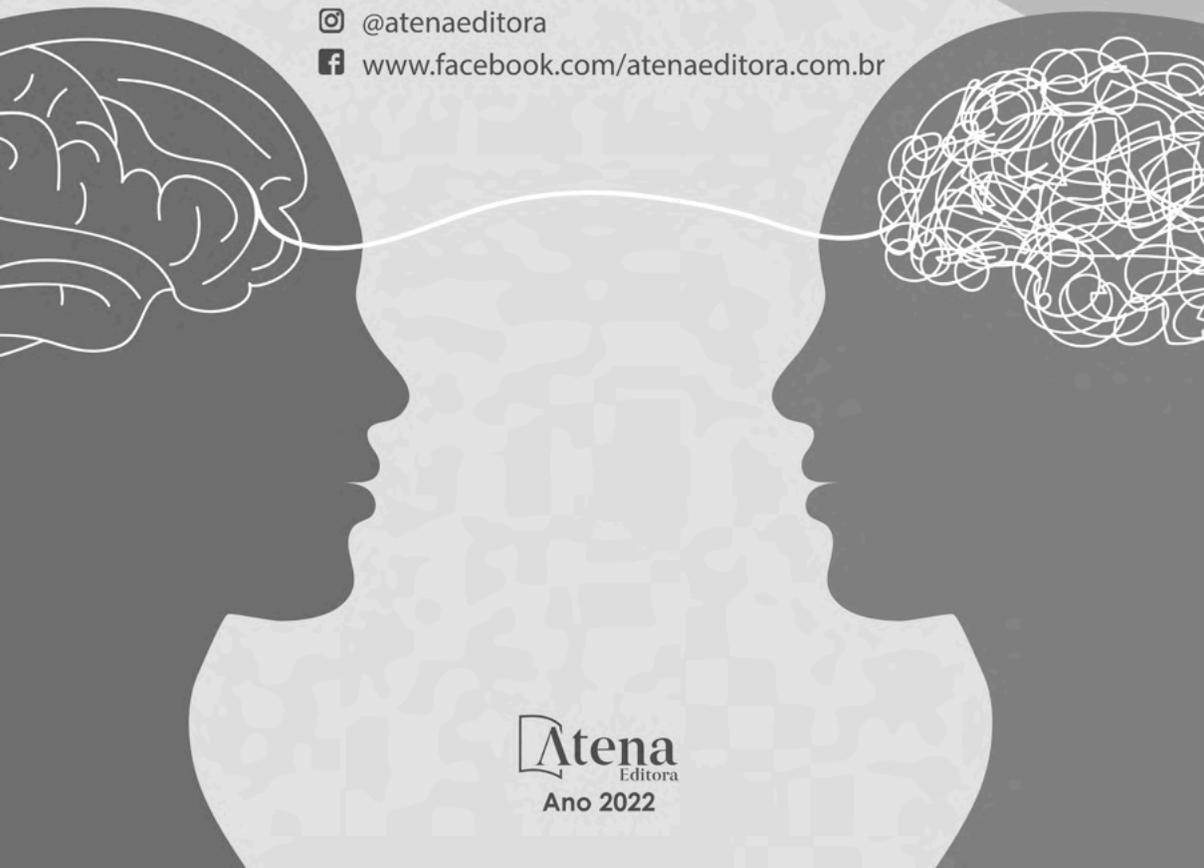
Violência infantil 22, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32

Vulnerabilidade 1, 2, 6, 7, 8, 9, 37, 47, 58, 87, 117

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

3

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

3

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



 **Atena**
Editora

Ano 2022